

Analisando livros didáticos: Qual a concepção de tempo histórico?

LUIZA RAFAELA BEZERRA SARRAFF*

Nos últimos anos a produção de pesquisas relativas a área de Ensino de História aumentaram consideravelmente (MUNAKATA, 2012). Sem sombra de dúvidas esta temática esta inserida em um processo maior de renovação dos objetos e das formas de se fazer História. Esta renovação abriu a possibilidade para que pudessemos produzir uma pesquisa que visa analisar os livros didáticos¹. Este artigo é o primeiro resultado dessas pesquisas.

Neste interim, o presente trabalho visa analisar e relacionar o que o PNL D do ano de 2011 destaca como sendo sua concepção de tempo histórico as concepções existentes em dois livros didáticos aprovados, utilizando a perspectiva de Reinhart Koselleck como arcabouço teórico. O artigo está dividido em quatro partes: A primeira busca contextualizar o leitor no processo de produção e inserção dos livros didáticos nas pesquisas históricas, explicando o que são estes objetos; A segunda que visa dar um panorama sobre a ideia de tempo histórico de Reinhart Koselleck; A terceira que analisa e relaciona os livros didáticos e o PNL D 2011 e, por fim, a quarta parte que tem como objetivo fazer um balanço breve do texto.

Renovando e ampliando: Livros didáticos

A história cultural foi responsável pela abertura de novos caminhos para os estudos históricos. Uma das possibilidades colocadas aos historiadores através desta inovação foi a perspectiva de investigar a história dos livros como um meio de compreender melhor as práticas culturais de determinada sociedade².

A história dos livros abriu os caminhos para que os pesquisadores pudessem se dedicar aos estudos dos livros didáticos. Desta forma surgiram inúmeras pesquisas dedicadas a este tema nos mais diversos lugares do mundo. Mas por que os manuais escolares despertam o interesse de tantos historiadores?

Primeiro, se faz importante explicar aos leitores o que é o livro didático. Alain Choppin destaca o livro didático como um objeto de alta complexidade e difícil definição. O autor demonstra que este instrumento está presente em inúmeros países e possui as mais diversas características e designações. Para Choppin a dificuldade de definir o

1 “Atrelando passado, presente e futuro: Usos da concepção de tempo histórico nos livros didáticos do PNL D 2011” é o título da pesquisa de mestrado da autora e visa analisar a concepção de tempo histórico presente nestas coleções utilizando o arcabouço teórico de Reinhart Koselleck..

2 Para se aprofundar no tema ver: CHARTIER, Roger. Textos, impressos e leituras. In.: _____. A História Cultural: Entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 121-139 e DARNTON, Robert. O que é a história do livro? In.: O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 65-77.

livro didático consiste no fato de que ele é o cruzamento de três gêneros textuais: literatura religiosa, didática e “de lazer”.

*Mestranda do Programa de Pós Graduação em História Social do Território da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Campus Faculdade de Formação de Professores. Bolsista Capes.

Essas categorias se interpenetram e transformam o livro em uma “*literatura fronteira*”. Além disso, o livro didático possui quatro funções³ que combinadas a outros materiais colaboram na formação do aluno.

Choppin enxerga o livro didático como um material altamente complexo e por isso acredita ser ele uma excelente fonte para historiadores, pois seja qual for o objetivo é possível extrair valiosas informações:

“(…) nós só percebemos do livro de classe o que nosso próprio papel na sociedade(…), nos intiga a ali pesquisá-lo. Nisso pode residir o principal contributo da análise histórica: porque ele se esforça em lançar um olhar distanciado, livre de contingências, sem polêmicas, o historiador pode distinguir e colocar em relação as diversas facetas desse objeto extremamente complexo que é o livro escolar.” (CHOPPIN, 2002, pp 14)

Alain Choppin justifica e demonstra como os livros didáticos podem ser objetos de análise interessantes. Ao analisarmos a produção brasileira nos últimos anos a fala de Choppin fica evidente. As pesquisas demonstram os livros didáticos como uma mercadoria (MUNAKATA, 2012), um objeto cultural complexo (BITTENCOURT, 2004, 299) e pode até ser considerado um elemento que funda a nacionalidade de um povo (FONSECA, 2006, pp 73). Sua produção pode ser o resultado de uma prática cultural (CHARTIER, 1990, pp 136) ou servir aos crivos do Estado (MONTEIRO, 2009, pp 192), apenas para citar alguns exemplos.

Estes exemplos demonstram a necessidade e a importância dos historiadores se debruçarem sobre este tema. A complexidade e multiplicidade dos livros didáticos nos ajudam a compreender melhor a questão da educação e as políticas estatais em nosso país.

Atrelando passado, presente e futuro: a noção de tempo histórico de Reinhart Koselleck

A pergunta “O que é o tempo histórico?” sem sombra de dúvidas é uma das grandes questões entre os historiadores. Diversos autores já refletiram e escreveram sobre este. Um dos principais autores nesta discussão é Reinhart Koselleck. Seu arcabouço teórico traz até nós ferramentas importantes para refletir sobre o tempo histórico.

A obra de Koselleck demonstra como a questão do tempo histórico é um tema central em seus estudos e reflexões, sendo possível perceber que o autor acredita que este assunto toca profundamente a vida dos seres

3 As funções designadas por Choppin são: referencial que é o “suporte privilegiado dos conteúdos educativos”; instrumental que coloca em prática métodos e atividades que facilitem o aprendizado; ideológica e cultural que é o “instrumento privilegiado de construção da identidade” e, por fim, documental que organiza um conjunto de documentos que ajudam a desenvolver o espírito crítico dos alunos.

humanos: “(...)o tempo histórico(...)está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações.”(KOSELLECK,2012,pp 14). O historiador define tempo histórico como sendo “(...)a forma pela qual, em um determinado tempo presente, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro.” (KOSELLECK,2012,pp15). Esta assertiva deixa evidente que o autor acredita que a perspectiva histórica articula passado, presente e futuro.

Para conseguir desenvolver esta ideia,Koselleck trata de duas categorias históricas que nos ajudam a compreender tal articulação: a experiência e a expectativa. A experiência “(...)é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”(KOSELLECK, 2012,pp 309)e a expectativa “(...)é o futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o pode ser previsto. Esperança e medo(...), mas também a análise racional(...)a constituem.”(KOSELLECK,2012, pp 310).Estes dois indicam a condição humana universal; sem elas a história não seria possível, pois não há expectativa sem experiência e vice-versa. Elas são a condição de construção do tempo e da história, desta forma

“experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois ela entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.”(KOSELLECK,2012,pp 308)

Estas duas categorias se relacionam a um outro conjunto de ideias que aprofundam a acepção de tempo histórico do autor: eventos e estruturas. O autor acredita que o evento é uma unidade de sentido que pode ser narrada e que só possui sentido a partir da organização metodológica da cronologia histórica, diferente da cronologia natural. O “sentido” da história só é dado pela *sucessão temporal*⁴ de fatos.

Os eventos se diferem das estruturas que são “(...)aquelas circunstâncias que não se organizam segundo a estrita sucessão dos eventos passados. Elas implicam maior duração, maior estabilidade, alterando-se em prazos mais longos.” (KOSELLECK,2012,pp135)Elas ultrapassam o campo da cronologia, são supraindividuais e intersubjetivas, não se reduzem a grupos ou indivíduos, possuem caráter processual.

Sendo assim

“(...)as sequências estatísticas temporais nutrem-se de eventos concretos e individuais, dotados de um tempo próprio, mas que só adquirem significação por força de uma perspectiva estrutural de longo prazo. Narração e descrição se ajustam de modo que o evento se torna um pressuposto para proposições estruturais.”(KOSELLECK,2012,pp 138)

4 Grifo nosso.

Isso implica na necessidade do historiador de buscar conceitos⁵ para compreender melhor os eventos passados e na melhor apreensão das dimensões temporais contidas em um determinado processo histórico.

As categorias histórias e os conceitos delineados por Koselleck demonstram como até mesmo os processos humanos mais simples e cotidianos estão imbuídos de caracteres históricos. Sua teoria, como foi demonstrado acima, deixa claro a importância da articulação entre as três dimensões temporais (passado, presente e futuro) na construção e aplicação de uma teoria do tempo histórico.

A Concepção de tempo histórico: PLND e Livros didáticos

Circe Bittencourt destaca que os livros didáticos não são objetos perfeitos, não são capazes de solucionar as questões do ensino e nem substituir o professor. Os livros possuem limites, vantagens e desvantagens e é neste contexto que podemos entender a necessidade de avaliá-los.

O Ministério da Educação destaca que desde 1929 o Estado brasileiro desenvolve políticas e leis que regulem a produção deste tipo de material⁶. Atualmente, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é a política que norteia a produção dos livros didáticos no Brasil. Segundo o MEC

“O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico. O programa é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, que pode ser: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio. À exceção dos livros consumíveis, os livros distribuídos deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos nos anos subsequentes. O PNLD também atende aos alunos que são público-alvo da educação especial. São distribuídas obras didáticas em Braille de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e dicionários.”⁷

Como foi destacado pelo MEC, o Guia do Livro didático é um instrumento importante para que os professores possam conhecer um pouco melhor as coleções aprovadas naquele ano e possam escolher os livros de acordo com sua metodologia de trabalho e o projeto político-

5 É importante destacar que os conceitos e sua história são elementos na teoria e obra de Reinhart Koselleck, visto que este é um dos precursores da chamada “História dos conceitos”. Para maior aprofundamento ver: KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

6 Informação retirada do site: <http://www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico> Consultado em 04/06/2015.

7 Disponível online em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391option=com_contentview=article Consultado em 19/11/2014

pedagógico da escola.

A nós, o Guia do Livro didático, é uma fonte de extrema importância visto que ali contém os parâmetros de análise oficial e a explicação destes. Neste artigo buscaremos relacionar as perspectivas temporais que o Guia adota como um dos critérios de análise das coleções analisadas em 2011.

Utilizamos em nossas pesquisas e neste trabalho as coleções aprovadas e o Guia do Livro Didático no ano de 2011. Isto se dá pelo fato de nossa pesquisa de mestrado ser vinculada a uma pesquisa maior feita pela Professora Helenice Rocha sobre os livros aprovados pelo PNLD 2011⁸.

O Guia destaca que as coleções são caracterizadas ali através de um “perfil global” segundo as discussões atuais da historiografia (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO, 2011, PP 14). Neste sentido, a perspectiva temporal - que é o nosso foco de análise - é abordada no tópico de “metodologia da história”. Neste aspecto o Guia faz uma divisão dos livros através de dois aspectos: curricular dominante e temporal. Estes dois possuem outras subdivisões, como veremos a seguir.

A perspectiva curricular dominante possui duas outras divisões: a *perspectiva histórica integrada e história temática*. A primeira possui uma base na cronologia histórica européia, buscando fazer uma articulação com a história da África, Brasil e etc. Enquanto a segunda preza por uma exposição dos conteúdos através dos temas sem ignorar a questão temporal. Segundo dados fornecidos pelo Guia a primeira abordagem é dominante. Está presente em 93,8% das coleções enquanto a outra em apenas 6,2%.

A perspectiva temporal também possui duas outras divisões: *linearidade e complexificação*. A primeira é caracterizada pelo Guia da seguinte maneira

“(…)aquelas coleções cuja organização de conteúdos prima pela ordenação cronológica, sem que tal ordenação seja acompanhada por um movimento contínuo de abordagem do conjunto das categorias temporais necessárias à análise e à aprendizagem histórica, tais como as noções de *Simultaneidade e Duração*⁹. Nesse tipo de coleção, em geral, quando a relação presente-passado acontece, a mesma se caracteriza pela presença de paralelismos e nem sempre se verifica um tratamento sistêmico das relações que permitam a compreensão das mudanças na história, bem como das continuidades e rupturas no tempo.” (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO 2011 PP 17)

A perspectiva da complexificação é caracterizada da seguinte maneira

8 A pesquisa que citamos é “Narrativas nos livros didáticos de História: diálogos e tensões”. Em texto fornecido pela autora este é um “Projeto de pesquisa sobre o conjunto de coleções aprovadas pelo PNLD de 2011, visando descrever a narrativa histórica presente em seu texto principal e analisar os efeitos de sentido relativos à história, no que se refere à agência dos sujeitos históricos e ao aspecto de maior ou menor construção da narrativa, com ênfase em seu aspecto de verdade e perspectiva”. Disponível online em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4737241A2>
Consultado em 19/11/2014.

9 Grifo Nosso.

“Já o que estamos designando por Complexificação no tratamento da temporalidade ocorre quando se verifica uma atitude de sistematização, para o aluno, do entendimento relativo às diversas temporalidades situadas em um determinado recorte cronológico, o que pressupõe a abordagem sistêmica de categorias relativas à simultaneidade e à duração temporais. Com isso, não só se cuida bem de alternativas didáticas – como, por exemplo, linhas do tempo problematizadoras, capazes de auxiliar no entendimento de tais categorias –, como também se exploram, em textos e/ou exercícios, circunstâncias que permitem a reflexão acerca das mudanças e permanências. Desse modo, ainda que muitas vezes seguindo uma ordenação cronológica, esse tipo de coleção busca cuidar melhor dos recursos que permitam aos estudantes compreender as interpenetrações temporais, bem como as relações de simultaneidade entre os capítulos de uma determinada unidade.” (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO 2011, PP 18)

Segundo dados fornecidos pelo próprio Guia a perspectiva temporal linear é dominante e está presente em 75% das coleções, enquanto a segunda em apenas 25%. O que o Guia do PNLD 2011 deixa claro a nós é que a perspectiva temporal dominante que é passada aos estudantes não trabalha com as noções básicas do tempo histórico (Simultaneidade e duração). Acreditamos que isto é preocupante, pois a concepção temporal passada aos estudantes não preza pela articulação das dimensões temporais, dando o passado como algo isolado em si.

Circe Bittencourt destaca que o livro didático é um dos principais responsáveis pela concretização dos conteúdos históricos na escola, logo acreditamos que este tipo de uso da temporalidade histórica dificulta uma aproximação dos alunos a disciplina, implicando em uma visão reducionista da história e de seu caráter prático que dificulta o processo de formação dos estudantes.

Para que possamos iniciar a análise dos objetos é de suma importância apresentar ao leitor a estrutura dos livros e o que utilizaremos para nosso estudo. Os manuais didáticos que analisaremos possuem uma estrutura organizacional semelhante. Neste artigo iremos examinar as partes de apresentação aos alunos, conheça seu livro e o primeiro capítulo do livro do 6º ano do ensino fundamental de duas coleções.

Utilizamos os dois primeiros livros resenhados pelo GUIA do PNLD, pois como este também é uma fonte, seguimos a ordem de análise descrita ali. Também só lidamos com dois livros porque a pesquisa ainda está em fase inicial e estes foram os primeiros a serem analisados.

O primeiro livro é “História: Da aurora da humanidade ao sistema feudal europeu” de Leonel Itaussu A. Mello e Luís César Amad Costa. A concepção de tempo histórico trazida pelo livro é exposta desde o início, na apresentação feita pelos autores da coleção “Aprender História é(...)Entender a realidade atual fazendo perguntas ao passado. É perguntar o que os fatos históricos têm que ver com o que acontece hoje com você e com todas as pessoas.” (MELLO, 2009, pp 6) Neste trecho fica evidente a conexão que os autores fazem entre o que entendem por História e relacionam com a perspectiva temporal, deixando claro que

não é possível desvincular a História da noção de tempo.

Na parte “Conheça o seu livro” a ideia de entrelaçamento das dimensões temporais está presente na descrição da abertura: “Cada capítulo se inicia com um pequeno texto e imagens que buscam relacionar presente e passado” (MELLO, 2009, pp 7). E no item conexão com o presente: “Nesta atividade você vai perceber sua própria realidade em conexão com o passado: estabelecendo relações, traçando paralelos, descobrindo semelhanças e diferenças” (MELLO, 2009, 8).

Estas primeiras partes são importantes para perceber que a ênfase dos autores é justificar a necessidade do estudo da História através da dimensão temporal, da relação entre passado e presente, ignorando a perspectiva de futuro. A ênfase do capítulo que trata desta temática é justamente esta. Por exemplo, logo no início do capítulo um existe um trecho que reitera isto

“A História se distingue especificamente das outras ciências por seu objeto de estudo: o passado da humanidade. Esse passado não está morto e enterrado; é algo 'vivo' que constitui a matéria-prima da História. Estudar o passado humano pode nos oferecer pistas para entendermos em parte o que está se passando nos dias de hoje.”(MELLO, 2009, pp 10)

É interessante observar que a narrativa construída por este livro preza por fatos e imagens que legitimem essa relação entre passado, presente e história. Esta relação se torna mais peculiar de observar a partir do momento em que não há qualquer menção a ideia de tempo histórico. O tempo mencionado é o tempo cronológico, com uma breve história a respeito dos calendários que já foram utilizados ao longo da humanidade, explicação das divisões em séculos e, por fim, a periodização histórica européia(Pré história e suas subdivisões e História e suas subdivisões).

É notório que este livro não preza por uma articulação entre as dimensões temporais e muito menos por uma ideia de tempo histórico. Este fato demonstra que a narrativa construída preza apenas por uma exposição dos fatos sem propor ao aluno uma forma de desenvolvimento de raciocínio histórico.

O Guia do PNL D destaca que esta obra que “O princípio cronológico, organizador dos conteúdos da obra, constitui um obstáculo para a superação da ideia de História como simples narrativa dos acontecimentos.”(GUIA DO PNL D 2011, pp 31) Nossas análises anteriores do livro somados a perspectiva do PNL D demonstram que a forma como a questão temporal é tratada no livro não amplia/constrói uma visão complexa da História e do tempo no aluno, vinculando a História unicamente ao seu caráter de interligar passado e presente.

O segundo livro que analisaremos neste artigo é “História: das cavernas ao terceiro milênio” de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota. Como no livro anterior, a noção de tempo histórico já vem colocada ao aluno desde a apresentação dos autores

“Lembre-se: a história é a ciência dos seres humanos no tempo e no espaço e cabe a

ela analisar o passado a partir do presente e analisar o presente à luz do passado. Para ajudá-lo(a) a perceber a dinâmica dos acontecimentos, sempre que possível destacamos a relação permanente entre o hoje e o ontem. Esperamos, com isso, tornar o estudo mais interessante e útil para a sua vida cotidiana.”(BRAICK, 2006, pp 7)

É interessante observar que desde o início os autores demonstram uma necessidade de justificar o motivo de aprender História e vinculam isso a essa articulação entre passado e presente. Acreditamos que isto se deva a necessidade de “qualidade pedagógica e didática” prezada pelo PNLD. Eis o que o Guia explica sobre isso

“No caso da História isso significa que há a possibilidade de se lidar tanto com coleções que valorizem a aquisição da informação sobre o que aconteceu no passado, considerando-se, nesse caso, a História como o estudo da evolução humana ao longo do tempo, quanto é possível se avançar em direção aos princípios mais contemporâneos envolvendo a produção do conhecimento no âmbito da ciência histórica. Nesse caso, o acúmulo de informações a respeito do que aconteceu no passado cede espaço a uma atitude formativa mais global e a função educativa da História passa a ser considerada em função de se compreender a natureza da História como forma particular de conhecimento, pautada pela provisoriabilidade das explicações, continuamente reescritas.”(GUIA DO LIVRO DIDÁTICO, 2011, pp 11)

Neste trecho fica claro que o PNLD preza por uma explicação que articule o passado e presente para a formação dos alunos.

Esta concepção também é mantida na parte “Conheça o seu livro” onde os autores destacam que nas aberturas das unidades e dos capítulos existe sempre uma tentativa de aproximação do tema a realidade presente e cotidiana do aluno

Apesar de estar sempre vinculado a perspectiva de passado-presente, o livro de Patrícia Ramos e Myriam Becho possui um aprofundamento bem maior da temática temporal que o livro anterior, destacando o tempo como um elemento importante na vida humana e o explicam destacando suas dimensões

“O tempo tem três dimensões: passado, presente e futuro. O passado é o tempo do que já aconteceu, do que passou. O futuro é o tempo do que irá acontecer, portanto é o tempo que não existe ainda. O presente é o momento que estamos vivendo, e nele há vestígios do passado e possibilidades para o futuro”(BRAICK, 2006, pp 24)

Esta ideia é aprofundada no item seguinte

“Todos nós fazemos planos para o futuro e lembramos das experiências do passado. Os calendários são instrumentos de medição de tempo que organizam a relação entre passado, presente e futuro. Eles foram criados pelas sociedades humanas para contar o tempo e registrar os acontecimentos mais importantes de sua história. Cada povo tem sua maneira de perceber o tempo e isso faz parte de sua cultura.”(BRAICK, 2006, pp 24)

Este trecho demonstra a importância das experiências passadas para construção do tempo, articula as três dimensões temporais, coloca o tempo como um instrumento de organização social e como um instrumento vinculado a uma cultura. Acreditamos que esta composição é interessante por dialogar intimamente com a concepção de tempo que Koselleck. Aqui existe uma articulação entre as dimensões temporais e é

possível perceber as ideias de experiência e expectativa como elementos vinculados a ideia de tempo. Além disso, através da conexão entre os diferentes momentos temporais constrói-se uma ideia de tempo que vai além da simples sucessão de fatos, desta forma, faz com o estudante possa se sentir mais próximo do processo de construção histórico.

Porém, é curioso observar que para as autoras essa concepção mais aprofundada do tempo se refere ao que chamam de “tempo cronológico”. A coleção entende por “tempo histórico” os diferentes modos de vida das sociedades. Obviamente, esta ideia se relaciona a anterior, mas é importante observar que a concepção de tempo histórico não está estritamente vinculada ao tempo. Acreditamos que isto se deve a tentativa de fazer um ponte entre o aluno a História, demonstrando que esta faz parte do cotidiano do estudante.

Nossa hipótese é confirmada pelo o que PNLD coloca sobre o livro

“Os temas são apresentados como saberes sobre o passado gerados no presente. Nesse sentido, as atividades e exercícios contribuem para que os alunos estabeleçam relações entre a vida prática no presente e no passado selecionado para o estudo.”(GUIA do Livro Didático, 2011, pp 34)

Claramente, este segundo livro preza por uma abordagem que integra as três dimensões temporais, trata de categorias importantes como experiência e expectativa para tratar do caráter temporal, articula questões sociais e culturais a perspectiva de tempo. Isso traz uma complexificação da forma de pensar o tempo, a sociedade e a História. Sem sombra de dúvida este é um caminho a ser seguido. Cabe agora descobrir se esta perspectiva se mantém no resto da coleção.

Conclusão

A análise deste dois livros nos demonstrou, primeiramente, que existe uma certa padronização no que se entende por História. Como foi visto, a concepção de História está vinculada a sua utilidade prática para o aluno, através da articulação entre o passado e o presente. Sem sombra de dúvidas esta visão, que também é prezada pelo Estado, está longe de formar um pensamento histórico consistente nos alunos.

Outro ponto que ficou evidente foi a despreocupação do Estado com a concepção de tempo histórico que está sendo repassada aos alunos, visto que a maioria esmagadora das coleções possuem uma ideia muito simplista que não prezam pelos elementos básicos da questão temporal(simultaneidade e duração).Este estudo também nos mostrou o abismo entre as narrativas construídas, caracterizando a pluralidade das coleções e as diferenças metodológicas e pedagógicas.

Acima de tudo, ficou claro que os livros didáticos são elementos de alta complexidade que precisam ser analisados para que possam entender um pouco mais da realidade sócio-educativa em nosso país. Este artigo foi o primeiro resultado de uma longa pesquisa que acreditamos que será bastante frutífera para uma melhor compreensão do processo produtivo dos livros didáticos e do tipo de formação histórica está sendo passada

aos alunos.

Bibliografia

BITTENCOURT, Circe. **Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)**. Educação e Pesquisa (USP), São Paulo, v. 30, n.3, p. 475-491, 2004.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Livros e materiais didáticos de história**.

CHARTIER, Roger. **Textos, impressos e leituras**. In.: _____. A História Cultural: Entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 121-139.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e Pesquisa (USP), São Paulo, v. 30, n.3, p. 549-566, 2004.

_____. **O historiador e o livro didático.** Trad. Maria Helena Camara Bastos. História da educação, Pelotas, v. 6, n.11, p.05-24.

DARNTON, Robert. **O que é a história do livro?** In.: O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 65-77.

FONSECA, Thaís. **História e Ensino de História.** 2. ed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONTIJO, R.; MAGALHÃES, M.; ROCHA, H. (orgs). **A escrita da história escolar: memória e historiografia.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história.** Trad. Marcus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

_____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa.** Revista Brasileira de História da Educação, v. 12, p. 179-197, 2012.

_____. **O livro didático como mercadoria.** Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 23, p. 51-66, 2012.

ROCHA, Helenice. **A narrativa histórica nos livros didáticos, entre a unidade e a dispersão.** Territórios e Fronteiras (Online), v. 6, p. 53-66, 2013.

ROCHA, H.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. (orgs). **A história na escola: autores, livros e leituras.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

Fontes Históricas

BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio/** Patrícia Ramos Braick, Myriam Becho Mota. - 2a ed. - São Paulo: Moderna, 2006.

MELLO, Leonel Itaussu A. **História: Da aurora da humanidade ao sistema feudal europeu,** 6º ano/ Leonel Itaussu A. Mello, Luís César Amad Costa. - São Paulo: Scipione, 2009.

Guia do Livro didático 2011. Disponível online em: <http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/125-guias?download=6040:pnld-2011-historia>